

## MULTILETRAMENTOS NA AULA DE GEOGRAFIA

Evyllaine Matias Veloso Ferreira Santos; Linduarte Pereira Rodrigues

*Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: evyllainemvf@hotmail.com*

*Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: linduartepr@gmail.com*

**Resumo:** Através de grandes transformações sociais em diversas esferas, a instituição escolar vem sofrendo acentuadas mudanças, em específico, nas relações cotidianas dos alunos com os meios textuais de comunicação/interação. Igualmente, os discentes estão em constante contato com diversas formas de linguagem do universo letrado (verbo-visual), que requerem significações e reflexões do leitor, o que geralmente ocorre, de acordo com Rojo e Moura (2012), de forma espontânea. Tais práticas de leitura exigem um posicionamento didático do professor que deve compreender que o meio sociolinguístico em que o aluno se insere é motivador de práticas discursivas que fundamentam, pelo atravessamento das letras na vida humana, diversas formas de letramento. Assim sendo, a pesquisa corrente sugere, por um viés interdisciplinar do fazer científico, que a utilização da literatura de cordel se apresenta como uma possibilidade de desenvolvimento do letramento escolar nas aulas de Geografia, a fim de formar leitores multiletrados para a realidade do saber local. Portanto, busca evidenciar a pertinência dos estudos dos multiletramentos num trabalho com folhetos de cordel nas aulas de Geografia, salientando as possibilidades de um ensino-aprendizagem cultural, contemporâneo e reflexivo. Metodologicamente, constitui-se de uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo. A base teórica é fundamentada nos aportes de autores como Rojo (2012), Marinho e Pinheiro (2013), Rodrigues (2006; 2011; 2016), Cavalcanti (2010), Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009), entre outros. Mediante o enfoque dos multiletramentos no ensino de Geografia, através da literatura de cordel, que dispõe de um acentuado valor cultural e didático para o ensino, os alunos tendem a significar/ressignificar o seu espaço vivido. Destarte, a literatura de cordel possibilita aos alunos diálogos interdisciplinares, culturais e reflexivos, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades exigidas para a formação de leitores multiletrados que reconhecem o espaço contemporâneo vivido e suas contribuições para as relações cotidianas, através do desenvolvimento das competências leitoras.

**Palavras-chave:** Literatura de cordel. Multiletramentos. Ensino de Geografia.

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAS

As perspectivas de multiletramento são amplamente discutidas em pesquisas de desenvolvimento que visam o eixo ensino-aprendizagem. O multiletramento, dessa forma, não está apenas em uma disciplina, mas também em todos os componentes curriculares, através do caráter interdisciplinar/multidisciplinar.

No ensino de Geografia, que envolve uma dinâmica de participação de inúmeras ferramentas de ensino, o multiletramento é estabelecido através da visão de mundo trazido pelo ensino e por tais mecanismos pelo professor. Tais mecanismos, que geralmente são vistos apenas encarnados em mapas, filmes e globos terrestres podem, obviamente, ser ampliados, aproveitando mecanismos de outros universos e, desse modo, favorecendo a aprendizagem.

A Literatura de Cordel é frequentemente oportunizada em projetos de leitura e cultura, mas é quase sempre voltada ao componente curricular Língua Portuguesa, devido à sua associação à leitura e literatura. Porém, devido aos seus temas que englobam diversas áreas de estudo, como a sociolinguística, a geografia, história, entre outros, a Literatura de Cordel possibilita diálogos culturais, sociais e reflexivos.

Dessa forma, o trabalho escolar com folhetos de cordel promove o desenvolvimento de alunos multiletrados, levando em consideração as inúmeras competências que podem ser construídas pelo professor em sala de aula, quando se há um devido uso das perspectivas múltiplas envolvendo o Cordel. Através deste ensejo, torna-se pertinente utilizar o Cordel, associado aos contextos sociais em que circula, na aula de geografia, permitindo uma aprendizagem multiletrada ao aluno e também um novo aporte ao professor.

Nesta perspectiva, torna-se relevante o estudo em foco pelo fato de facilitar a relação ensino-aprendizagem, de forma a potencializar o ensino da Geografia Cultural no Ensino Médio, evidenciando a importância de um ensino que estabeleça relações com o cotidiano cultural e literário dos alunos.

## **2 METODOLOGIA**

O estudo caracteriza-se pesquisa bibliográfica, baseada no aporte teórico dos multiletramentos, fundamentada por Rojo (2012) e da relevância do gênero literário como proposta didática na aula de Geografia, como sugerem Cavalcanti (2010) e Pontuschka; Paganelli; Cacete (2009); bem como do aporte teórico sobre Literatura de Cordel, conforme Rodrigues (2006; 2011; 2016).

Respectivamente, referente aos objetivos metodológicos desta pesquisa, a caracterizamos como sendo exploratória, dado ao levantamento de dados a respeito do objeto de estudo. Quanto à forma de abordagem, qualitativa, em razão da análise e significação dos dados coletados, necessários à práxis educativa.

Desse modo, espera-se que o trabalho permita iluminar as coordenadas do fazer docente, permitindo contribuir para a ampliação dos instrumentos utilizados pelo professor da Educação Básica, destacando para a relevância da interdisciplinaridade e dos multiletramentos para o letramento escolar.

### **3 ENSINO DE GEOGRAFIA**

Estudos apontam que na Educação Básica o ensino da Geografia é orientado para aplicar-se de forma consciente, organizada e com teor crítico, para possibilitar aos alunos um aprendizado reflexivo e contextualizado com suas experiências de vida. Visto que a Geografia é uma disciplina que dialoga com outras áreas do conhecimento e requer dos alunos a capacidade de interpretação, reflexão e argumentação dos fenômenos sociais. Destacamos que, de acordo com Shaffer,

As diferentes situações de ensino-aprendizagem organizados pelo professor devem integrar, portanto, o maior número possível de aspectos pertinentes ao objeto geográfico de estudo, de forma a promover uma visão contextualizada do mesmo. A organização de tarefas em grupos, valorizando as experiências vividas, permitem desenvolver a pluralidade de percepções sobre o tema e aprofundar a argumentação (SHÄFFER, 2003, p.169).

Tal como inteira a autora, o ensino de Geografia submete-se a forma de organização do professor(a) na sala de aula, tanto para organização contextualizada dos conteúdos quanto para a organização das atividades que visem uma integração entre os indivíduos, a fim de proporcionar trocas de conhecimento sobre diversos conteúdos. Essa organização faz-se necessário diante da complexidade que envolve as ciências humanas, como a Geografia, pois são decorrentes da própria dinâmica social (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Entretanto, ainda é observado nas salas de aulas o ensino de Geografia a influência da corrente do pensamento tradicional, que se instaurou em meados do século XX, caracterizando uma ciência descritiva e ideográfica (STEFANELLO, 2009). Diante desta realidade, propomos um estudo interdisciplinar de abordagem cultural através de folhetos de cordel, que possibilite aos envolvidos com o espaço escolar (professor e alunos) a ressignificação dos conteúdos abordados na aula de geografia, evidenciado as competências multiletradas dos alunos.

### 3.1A PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA CULTURAL

Na década de 1990 se instaurou no Brasil a Geografia Cultural, influenciada pela Geografia de matriz saueriana<sup>1</sup> e tendo como principais geógrafos no Brasil: Paul Claval, Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Essa perspectiva torna-se relevante por atentar para a cultura e suas múltiplas manifestações sociais a partir de temáticas como: religião, território e territorialidade; espaço e lugar; percepção vivências e simbolismos; cultura popular; identidade, entre outros (CORRÊA, 2005).

Através desta perspectiva, o ensino de Geografia escolar busca desenvolver um ensino que priorize a cultura vivenciada pelos alunos (CLAVAL, 2001). É preciso fazer entender que a Geografia está presente na vida humana, diante disso, deve-se privilegiar o espaço vivido pelos alunos, tornar o aluno protagonista, para assim, interligar o conhecimento científico estipulado pela escola com o de vida que, por muitas vezes, é negado no espaço escolar.

O ensino de Geografia, através da perspectiva cultural, atenta para a realidade de vida dos alunos, considera o particular, não prevalecendo um ensino estereotipado. Concordamos, mediante essa área da geografia, que o ensino não deve ser um “método universal” que seja imposto e seguido à regra, principalmente o ensino de Geografia, diante das especificidades de cada lugar, de cada paisagem, de cada cultura.

Diante do exposto, enfatizamos que as possibilidades de ensinar Geografia por uma vertente da criticidade, reflexão, observação, significação dos fenômenos que circundam os alunos, nas diferentes escalas locais e regionais, permite no Ensino Médio expandir os conhecimentos do alunado e, assim, relacionar na aprendizagem os aspectos geográficos com outras áreas do conhecimento.

### 3.2 A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A interdisciplinaridade é desígnio de grandes discursões no âmbito educacional, especificamente na educação básica. Essas discussões ocorrem em virtude da inevitabilidade de integrar as disciplinas de tal forma que a contextualização dos conteúdos anexe valor e significação a realidade dos discentes. É necessário que a interdisciplinaridade seja inserida no contexto escolar a partir da realidade vivenciada de cada escola, professores e alunos, a partir da necessidade de

---

<sup>1</sup> A geografia cultural saueriana ou Escola de Berkeley está calcada na visão abrangente de cultura (CORRÊA, 2009).

integrar as disciplinas e ampliar os conhecimentos dentro de uma perspectiva epistemológica, histórica e social, referente à função ideológica e estratégica da ciência geográfica, contribuindo para uma nova prática da sociedade (GOMES, 2007).

Partindo dos pressupostos sobre a interdisciplinaridade na Educação Básica, é discutível entender os fatores que inibem o trabalho interdisciplinar na Geografia, como justifica Andrade (2006), “parece impossível que a geografia não permita um exercício de interdisciplinaridade, uma vez que fica difícil até de estabelecer limites do que é ou não geográfico”. A Geografia é uma ciência que possibilita as inúmeras práticas interdisciplinares por ter um objeto de estudo multidimensional (fruto de relações sociais), possibilitando o ensino que se desloque da individualidade (os estudos micro escalas) para sua totalidade (estudos macro escalas), como define Suertegary (2002).

Pode-se correlacionar ao ensino da Geografia uma prática interdisciplinar de leitura/audição e compreensão/significação de folhetos de cordel em sala de aula. O cordel favorece a contextualização da leitura. Assim, a leitura de folhetos de cordel intervém na construção da imaginação e do senso crítico dos(as) discentes. Por isso, a relevância de trabalhar a leitura de folhetos de cordel, material linguístico-literário próprio da cultura popular nordestina (RODRIGUES, 2011), estabelecendo a relação teoria/prática. Como enfatiza Certeau (1995, p. 18), “Somente é válida a teoria que articula uma prática, ou seja, a teoria que, por um lado, abre as práticas sobre o espaço de uma sociedade e que, por outro, organiza os procedimentos próprios de uma disciplina”.

Infere-se, assim, que o professor de Geografia, demais professores e a escola, devem estabelecer as práticas interdisciplinares que recorram a significações cotidianas da realidade dos discentes, para evitar a abstração geográfica (o distanciamento da realidade). Portanto, deve-se ter incumbência de relacionar a cultura popular através da literatura de cordel como estratégia para promover o ensino-aprendizagem interdisciplinar e multiletrado.

#### **4 O MULTILETRAMENTO**

A sociedade atual, fruto de um desenvolvimento que teve seu *boom* tecnológico na segunda metade do Século XX, com avanços na robótica, medicina, informação e indústria, de um modo geral, permitiu que inúmeras formas de letramento estivessem em curso, principalmente através das Tecnologias da Informação – as TIC – que trouxeram formas de comunicação e interação diferentes

conforme o ritmo de progresso de tais tecnologias, criando, dessa forma, o *multiletramento*. Rojo e Moura (2012) constroem um breve histórico sobre o surgimento do multiletramento. Segundo os autores, um grupo de pesquisadores (Grupo de Nova Londres – GNL) que tinham como foco de estudo o letramento, afirmou a necessidade de haver uma pedagogia dos multiletramentos. Publicou-se, então, a obra *A pedagogy of multiliteracies – designing social futures* (Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais), em 1996. Esta obra, entre outros postulados, responsabilizava a escola como o principal ambiente para a execução das práticas de novos letramentos, que surgiam conforme o desenvolvimento tecnológico. Além disso, segundo Rojo e Moura (2012, p. 12), seria necessário incluir as diferentes culturas emergentes na globalização no contexto escolar, criando vertentes para o estudo de diversidade cultural, como suportes de aprendizado em diálogo com o mundo.

O multiletramento é, desse modo, uma forma relativamente nova de se trabalhar em sala de aula, levando em consideração as novas tecnologias que surgem conforme a modernização, além da busca de outras formas de diversificação cultural de massa que podem ser exploradas em sala de aula. Segundo Rojo e Moura (2012):

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO; MOURA, 2012, p. 08).

O ensino com multiletramentos deve buscar práticas que englobem não somente atividades que envolvem tecnologia, mas também saber que tais conhecimentos podem servir de ponto de partida para outras atividades culturais, fazendo uma reflexão acerca do papel de diversos discursos e textos na sociedade, sua função e como eles podem ser utilizados para um desenvolvimento maior na questão do ensino. Cabe ao professor utilizar tais mecanismos e ser, como orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o mediador para a construção do ensino/aprendizagem.

O termo multiletramento tem sua formação, segundo Rojo e Moura (2012, p. 12-19), na composição entre letramento, a prática já conhecida, e a palavra *multi*, que por sua vez tem origem em duas palavras: multimodalidade e multisssemiose. Tanto uma quanto a outra são características abrangentes dos novos letramentos, que propõem, como já dito anteriormente, uma visão mais ampla do mundo. A multimodalidade e a multisssemiose dos textos contemporâneos, que segundo os

mesmos autores, são “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas” requer os multiletramentos.

## 5 MULTILETRAMENTOS NA AULA DE GEOGRAFIA

A aula de Geografia permite que o professor entrelaça os conhecimentos adquiridos do contexto dos alunos com a cientificidade da disciplina. Esse entrelaçamento permite ao aluno um aprendizado contextualizado e significativo, pois engloba os “espaços” interescolares e extraescolares. Quanto ao ensino, permite que o professor trabalhe na perspectiva holística dos fenômenos, sejam locais, regionais, nacionais e ou mundiais.

Diante desta concepção da aula de Geografia, entendemos que através da perspectiva da Geografia Cultural, não se deve excluir o cotidiano dos alunos e suas relações sociais, pois são alicerces para a contextualização da disciplina. Por isso, oportunizamos a literatura popular na sala de aula, não para complementar determinado conteúdo, e sim, como um suporte didático cultural, arraigado de manifestação linguística-literária nordestina. A literatura, de uma forma geral, deve ser explorada de uma forma multiletrada, introduzindo os mecanismos presentes na própria obra e por métodos selecionados pelo professor. Segundo Teixeira (2008 *apud* MELLO):

[...] a literatura tem sido utilizada, embora timidamente, por geógrafos para empreenderem análises espaciais desde o início do século XX, por ser um meio eficaz de investigação, que relata em diferentes escalas os lugares, o cotidiano, a paisagem, o mundo vivido. Por isso a literatura pode ser um meio eficaz de investigação para os geógrafos, pois os textos literários evocam a alma dos lugares, neles os escritores captam, interpretam e divulgam os sentimentos, o desempenho dos seres humanos, a fixação aos lugares, às viagens, o cotidiano.

Entendendo a literatura popular como fonte de conhecimento reflexivo inigualável a realidade dos alunos, este mecanismo pode ser inserido na aula de Geografia, permitindo aos alunos um (re)conhecimento da cultura local, a compreensão de um discurso coletivo sobre as questões físicas, políticas, sociais, ideológicas, entre outras; e reflexão da influência das letras em sua identidade como sujeito letrado.

## 6 O FOLHETO DE CORDEL COMO INSTRUMENTO DE MULTILETRAMENTOS

O cordel é prova da fusão entre oral e escrito. É um texto híbrido, com forte caracterização do escrito, por ser impresso/escrito, mas proveniente da tradição oral. A oralidade pertinente ao gênero torna-se uma estratégia de comercialização dos folhetos, sendo recurso que permite atrair os leitores/consumidores dos folhetos (RODRIGUES, 2006). Para o autor,

A presença da oralidade na produção dos textos se dá também porque os poetas tradicionais escreviam como se estivessem contando histórias e este recurso lhes facilitava a leitura, no momento da venda dos cordéis nas feiras livres. Isso ocorria porque a publicidade de seus produtos se resumia à leitura em voz alta de alguns dos trechos que compunham as obras (RODRIGUES, 2006, p. 64).

A performance da voz possibilita a adaptação/atualização do cordelista em seus relatos (escritos/vozeados), o que funda um espaço/momento histórico-social, político e cultural na contemporaneidade. Assim, o novo configura-se na memória do velho, da mesma forma que o velho transmuta-se no discurso da atualidade. Entre tradição e modernidade, perdura a memória cultural dos folhetos de cordel, tornando-se um registro, uma marca social do povo nordestino, como aponta Rodrigues (2009, p. 11), para quem “o escrito é a marca da voz de um povo”.

Os folhetos de cordel estão à margem da literatura clássica, por ser tanto texto quanto discurso que denuncia os acontecimentos sociais, político-econômicos, a educação, saúde, violência, entre outros temas que configuram a história local interligada com questões globais, determinando uma literatura popular, cotidiana. Isto é, o discurso é moldado conforme os contextos sociais atuais, ou seja, “há uma plasticidade [...] cultural/ideológica” (RODRIGUES, 2013, p. 249) que caracteriza os discursos produzidos por essa materialização textual.

Conforme o autor, os folhetos de cordel perpassam os tempos históricos e estão presentes em nossa sociedade com diferentes finalidades, seja de informar, de rememorar os acontecimentos, seja como objeto de decoração, objeto de estudos acadêmicos, entre outros. Podemos também destacar a presença dos cordéis em diversos ambientes; antes restritos apenas nas feiras livres das pequenas cidades nordestinas, atualmente o cordel se faz presente em restaurantes, mercados, lojas, praças, no meio virtual, nas universidades e nas escolas, a fim de, assegurar a veemência dos folhetos nos dias atuais.

Diante disso, no âmbito escolar, o cordel se apresenta como suporte didático para o ensino da Geografia Cultural, oportunizando aos alunos um diálogo entre os conceitos instituídos no livro didático (científicos) com os escritos nos folhetos (experiência popular), ressignificando o espaço de vida de cada aluno. Assim, o cordel torna-se interesse dos alunos e cabe ao professor mediar

didaticamente a reflexão geográfica incumbida nas linhas poéticas do folheto. Como assevera Cavalcanti (2010, p. 03):

[...] o professor deve [...] investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos que têm uma história.

Portanto, pode-se concluir que a literatura de cordel na escola favorece a interpretação dos fenômenos sociais, históricos, políticos, além de proporcionar aos alunos a relevância da cultura nordestina e local constituída pela significação dos folhetos. Destarte, a leitura intervém na construção da imaginação e do senso crítico dos alunos, através da relevância do trabalho docente com práticas de letramento que se utilizam da literatura de cordel como possibilidade de legitimação de uma ação educativa reflexiva alcançada pelo exercício da palavra (RODRIGUES, 2016).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos termos dos multiletramentos, interdisciplinaridade, cultura e literatura de cordel, enfatizamos ser possível compreender novas possibilidades ao ensino geográfico escolar. Buscou-se investir em reflexões que contribuem para a desconstrução do ensino tradicionalista, orientando os professores para um ensino sócio-histórico-cultural, holístico e atemporal.

Evidenciamos os folhetos de cordel num trabalho de sala de aula pelo prisma dos multiletramentos. Desta forma, o estudo legitima a relevância dos multiletramentos nas aulas de Geografia, articulando novas estratégias para o ensino-aprendizagem que oportunizem a criticidade e percepção dos alunos do ensino Médio no contexto contemporâneo local.

Conforme as inquietações do estudo, objetivamo-nos evidenciar a pertinência dos multiletramentos na aula de geografia num trabalho com folhetos de cordel na Educação Básica, salientando as possibilidades de um ensino-aprendizagem cultural, contemporâneo e reflexivo. Acreditamos que a proposta sirva de estímulo aos professores de Geografia e áreas afins.

## **REFERÊNCIAS**

CAVALCANTI, Lana. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos e alternativas. In: **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas atuais**. Belo Horizonte, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.

CLAVAL, Paul. **Epistémologie de la géographie**, Paris: Nathan, 2001.

CÔRREA, Roberto Lobato. A organização Regional do Espaço Brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 197-210.

\_\_\_\_\_. **Sobre a geografia cultural**. Rio Grande do Sul: Instituto de História e Geografia, 2009. Disponível em: <<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em: 16-03-2017.

GOMES, P.C. da C. **Geografia da Modernidade**. 6. ed. RJ: Bertrand Brasil, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hamglei. A linguagem cinematográfica no Ensino de Geografia. In: **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 261-287.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. **O apocalipse na literatura de cordel: uma abordagem semiótica**. João Pessoa: Programa de Pós Graduação em Letras/Universidade Federal da Paraíba, 2006. (Dissertação de mestrado)

\_\_\_\_\_. Cultura clássica, cultura vulgar: Considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. Campina Grande-PB: **Sociopoética**, ISSN 1980-7856, vol. 1, n. 3, 2009.

\_\_\_\_\_. **Vozes do fim dos tempos: Profecias em escrituras midiáticas**. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Linguística-PROLING/Universidade Federal da Paraíba, 2011. (Tese de doutorado)

\_\_\_\_\_. Plasticidade das vozes e escrituras do cordel de fim dos tempos: tradição e modernidade. Natal-RN: **Revista do GELNE**, vol. 15, n. Especial: 249-265, 2013.

\_\_\_\_\_. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: Aspectos culturais e formação docente. Natal-RN: **Revista do GELNE**, vol. 18, n.2, 166-193, 2016.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SHÄFFER, Neiva Otero & JUNIOR, Guilherme Reichwald. et al. A geografia no Ensino Médio. In: CASTROGIAVANNI, Antonio Carlos et al (Org.) **Geografia em Sala de Aula: prática e reflexões**. Porto Alegre: AGB, seção Porto Alegre, 2003.

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino da Geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SUERTEGARY, Dirce Maria Antunes. **Pesquisa de Campo em Geografia**. Niterói: Geographia, 2002, v.4, n.7, 64-68.

TEIXEIRA, Ana Lúcia. **O entendimento da organização espacial da cidade do Rio de Janeiro a partir da obra de Alúcio de Azevedo: O Cortiço**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso)